

Radiojornalismo como espaço de disputas no Sul Global: cartografia das fontes na CBN Rio

Radiojournalism as space for disputes in the Global South: cartography of sources at CBN Rio

LUAN JOSÉ VAZ CHAGAS

Mestre em Jornalismo e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista Faperj e integrante do grupo de pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Brasil. E-mail: luanchagas@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2491-8479.

Edição v. 37
número 1 / 2018

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 37 (1)
abr/2018-jul/2018

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

CHAGAS, Luan José Vaz. Radiojornalismo como espaço de disputa no Sul Global: cartografias das fontes na CBN Rio. Revista Contracampo, Niterói, v. 37, n. 01, abr. 2018-jul. 2018, pp. 49-68.

Enviado em 01 de julho de 2017 / Aceito em 31 de outubro de 2017

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v37i1.1048>

Resumo

Como se ocupa o espaço midiático no radiojornalismo enquanto lugar de disputa de sentido pelas vozes sociais? O artigo realiza uma análise da programação da CBN Rio, ao longo de uma semana, com o mapeamento das fontes selecionadas para debater as temáticas sociais. Para tanto, parte-se de conceitos da Geografia, como espaço, lugar e configuração territorial, para entender as dinâmicas de disputa no cenário jornalístico no Sul Global. Apresenta uma cartografia em espiral, com zonas altas de discussão na ótica de fontes primárias e zonas baixas na ótica de fontes secundárias. O estudo busca contribuir com possibilidades de diálogo sobre a pesquisa, que alie as geografias da comunicação e a diversidade de fontes no radiojornalismo.

Palavras-chave

Fontes; Radiojornalismo; Espaço; Sentidos; Geografias.

Abstract

How is media space occupied in radiojournalism as a place of dispute for meaning by social voices? The article analyzes the programming of CBN Rio over a week with the mapping of the selected sources to discuss the social themes. To do so, one starts with concepts of geography, such as space, place and territorial configuration to understand the dynamics of dispute in the journalistic scenario in the global South. It presents a spiral cartography with high areas of discussion from the perspective of primary sources and low zones with secondary ones. The study seeks to contribute with possibilities for dialogue on research that links the geographies of communication and the diversity of sources in radiojournalism.

Keywords

Sources; Radiojournalism; Space; Meanings; Geographies.

Introdução

Como as diferentes vozes sociais disputam sentidos na ocupação do espaço midiático? Que disputas entre as fontes permeiam o jornalismo televisivo, radiofônico, impresso ou na web? Com essas questões, o presente artigo busca conceitos da Geografia, como o espaço vivido (MASSEY, 2009; HOLZER, 2012; SANTOS, 2006; SILVEIRA, 2004), a configuração territorial e o lugar (SANTOS, 2006) e os diálogos com a comunicação (POOLEY, 2016) na disputa de sentidos da mediação (MARTÍN-BARBERO, 2004) para realizar uma cartografia das fontes no radiojornalismo. A escala de análise (HEROD, 2011) é sobre as fontes selecionadas em 24 horas da programação ao longo de uma semana na CBN do Rio de Janeiro.

O objetivo é olhar para as formas com que as vozes sociais são distribuídas nas notícias e como ditam os acontecimentos, se de forma primária ou secundária (HALL et al., 1999) e com diferentes formas de acesso (MOLOTCH e LESTER, 1999). A hipótese é de que considerado o radiojornalismo *All News* da CBN como um espaço que possui um lugar em construção, a disputa segue o padrão econômico e político das relações de poder da sociedade.

Dessa forma, apresenta uma cartografia das fontes selecionadas e busca contribuir para o diálogo entre a geografia da comunicação e os estudos sobre diversidade de vozes no radiojornalismo. A análise demonstra um mapa do texto radiojornalístico construído ao vivo no formato *All News*. Ao contrário da construção informativa em pirâmide invertida ou em pé no modelo clássico, ou deitada no webjornalismo, o estudo propõe um formato de espiral, com uma cartografia que possui zonas altas de discussão na ótica de fontes primárias e zonas baixas na ótica de fontes secundárias.

Espaço e lugar: o radiojornalismo no Sul Global

A constituição do espaço como algo vivido enquanto produto de inter-relações, esfera da multiplicidade e em construção é o ponto de partida para a discussão sobre a relação entre a geografia e a comunicação. Segundo Massey (2009), ainda que se pense pouco explicitamente sobre o conceito, torna-se necessário incorporar as maneiras de ser no mundo às dinâmicas de espacialidade e aos modos de lidar com esse desafio. As trajetórias que compõem a sociedade como um todo explicitam as formas políticas e sociais nas práticas cotidianas e globais, o que sustenta os entendimentos sobre o mundo. Para a autora, isso torna o espaço aberto, nunca fechado, como a história na formação de conexões a partir da interação humana com o outro, como produto de relações em potenciais

conexões a partir da multiplicidade: “Um espaço, então, que não é nem um recipiente para identidades sempre-já constituídas nem um holismo completamente fechado. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes” (MASSEY, 2009, p. 32).

As três proposições iniciais de que parte a autora para esse entendimento não conceituam o espaço como algo estático ou cristalizado, mas sim envolvido pelas percepções do existencial com diferentes dimensões. No fluxo sobre as ideias e disputas de sentido, consideramos as três proposições de Massey (2009, p. 29): I) o espaço é produto de inter-relações, se constitui por meio de interações, desde o global até o mais íntimo; II) o espaço é uma esfera da possibilidade de multiplicidade, de pluralidade onde as trajetórias coexistem, da heterogeneidade, do encontro com o outro; III) o espaço está em construção contínua como produto de relações-entre embutidas em práticas materiais que estão sempre no processo de fazer-se.

Pensar o espaço como produto de inter-relações foge a aspectos liberais individualistas, que o conceituam a partir de identidades já previamente constituídas, o que não permite o encontro com o outro e suas reformulações a partir das relações-entre. A “construtividade relacional” que enfatiza Massey (2009, p.30) propõe um entendimento relacional do mundo que faz com que o conceito seja produto destas inter-relações: “O espaço não existe antes de identidades/entidades e de suas relações”. Esse pressuposto que envolve as “relações-entre”, como um processo constitutivo, permite localizarmos no objeto de discussão do artigo a questão da geografia no encontro com a comunicação e, mais especificamente, as relações desenvolvidas entre as fontes no radiojornalismo.

A diversidade de vozes na sociedade em diferentes âmbitos políticos, econômicos, religiosos e sociais está em um desafio normativo de abordagem da comunicação. Desde Alexis de Tocqueville (2004) e Stuart Mill (1991)¹ até Martín-Barbero (2004) e Bahktin (2006) destacam a necessidade de pluralismo, diversidade ou então polifonia na construção dos discursos, presente nos valores normativos da comunidade jornalística (ZELIZER, 2004). A aproximação desses aspectos, não somente num sentido normativo liberal, mas na ótica da diversificação das experiências de mundo e de interpretações dos acontecimentos, (ALSINA, 2009) está na consideração de Massey (2009) sobre o espaço como esfera de possibilidade de multiplicidade. Questões como a diferença, a heterogeneidade e os diferentes pontos de vista estão na geografia e na

¹ Teóricos clássicos do pluralismo como John Rawls (2002), Stuart Mill (1991) e Alexis Tocqueville (2004) posicionam o debate no centro da sustentação das liberdades individuais e na própria construção da democracia. Tocqueville (2004) chega a correlacionar o pluralismo na imprensa e o pluralismo na vida democrática.

constituição do conceito como uma fuga de uma visão única sobre o mundo, seja ela a partir do ocidente ou da figura clássica liberal do homem branco, macho e heterossexual.

A multiplicidade de trajetórias torna-se condicionante das inter-relações, pois depende do reconhecimento da espacialidade e, conseqüentemente, da coexistência de outros numa perspectiva tanto histórica como de potencialidades futuras (MASSEY, 2009). Da mesma forma, situa-se o terceiro ponto em considerar o espaço como sempre em processo, enquanto abertura para o futuro que escapa da estabilidade estrutural do moderno. Não reconhecer o futuro como algo dado ou previamente pensado conduz, na visão da autora, à abertura de um campo para luta política com o engajamento social imprescindível em suas necessidades múltiplas. As interações no espaço, o fluxo de possibilidades de conexões e a importância do reconhecimento das multiplicidades faz com que nunca possua uma simultaneidade completa.

Milton Santos (2006) define o espaço como um conjunto de fixos e fluxos, o que permitirá diferenciar o conceito de configuração territorial, e mais à frente, do lugar. Para o autor, os elementos fixos estão relacionados aos objetos, o que o ser humano fixa em cada lugar e que permitem ações de modificação nas condições ambientais vividas pela sociedade. Já os fluxos são os resultados das ações atravessadas ou instaladas nos fixos, que alteram suas significações, os valores e que também se modificam. A interação entre fixos e fluxos permite compreender a formação do espaço e se constituir como objeto para a geografia, no qual os fixos são cada vez mais artificiais e os fluxos mais diversos, amplos, numerosos, rápidos e em construção.

O espaço então se difere da configuração territorial. O primeiro é permeado pelas relações sociais, o encontro entre as diversidades e as amplas formas de estudos sobre o conjunto indissociável, solidário e contraditório de objetos e ações em que a história acontece. Já o segundo é formado pelos sistemas naturais de um país, uma área em que os homens impõem seus interesses. Enquanto este reúne a materialidade do ambiente, o outro anima e dá vida a esse conjunto de sistemas (SANTOS, 2006). Olhando para nosso objeto, a materialidade do rádio e a exploração de ondas eletromagnéticas podem ser consideradas uma configuração territorial do meio na sociedade. O jornalismo, as práticas e os conteúdos noticiosos que perpassam interesses e disputas, relações e impressões, interpretações de mundo enfeixados em temas e acontecimentos constituem o espaço vivido nesse território.

O espaço, nesse sentido, se torna algo difuso, e como afirma Holzer (2012), dividido entre o espaço comunicacional das relações interpessoais e espaço

mediático, das notícias e a presença que os atores sociais exercem nesse meio. Seguimos, assim, aquilo que Milton Santos (2006, p. 213) afirma ao deslocar o lugar de algo estruturado e estável, a uma "realidade tensa, um dinamismo que se recria a cada momento" envolto pela globalização e a localização. A constituição do lugar na geografia, seus significados e sua inserção no aspecto próximo e global, simples e complexo, proporciona percepções para além do localismo, ou então a resumir o mundo como algo localizado. O lugar é o mundo vivido, as experiências que a paisagem cultural possibilita, as dimensões da tecnologia e da vivência, da política e das disputas de sentido.

Santos (2006, p. 213) argumenta ainda que "cada lugar é, à sua maneira, o mundo", sendo possível reconhecer, assim, a exclusão de uma faixa da sociedade nas disputas de sentido quando nos referimos ao discurso das notícias como lugar. Nessa interação mediada pelos símbolos, o próprio geógrafo reconhece que as situações só podem ser plenamente apreendidas se consideradas as relações intersubjetivas que a caracterizam, ou seja, é na presença do outro que construímos nosso entendimento sobre as relações sociais e os acontecimentos. Os diferentes pontos de vista compartilhados estão nas negociações que a todo o momento são expressas por interesses defendidos dentro do espaço midiático.

Para o autor, a mídia como espaço, como parte do lugar e do cotidiano, com todo dinamismo da interação e a intersubjetividade, é parte da construção da socialidade que, a partir da sua intensidade, delinea a proximidade. Algo que auxilia nesse argumento é baseado em Muniz Sodré (1988) quanto à relação espacial como garantia das possibilidades comunicacionais em toda a multiplicidade que pode representar. Assim, na coexistência da diversidade, com a proximidade que garante o dinamismo da compreensão da mídia enquanto lugar, e de mecanismos de alteridade no espaço da comunicação midiática é possível compreender a seleção de determinados grupos que falam e aqueles que não falam nos meios.

É possível então comparar a abrangência das comunicações, sua sofisticação tecnológica e amplitude, com a definição de cidade grande em Santos (2006). Os espaços que possuem, os caminhos que percorrem e as distâncias que cobrem se alinham ao encontro com a modernidade, com a ligação de pontos distantes. Ao mesmo tempo em que luminosa, tanto a cidade grande como as comunicações – como espaço – levam ao interior aquilo que acontece nos grandes centros. A mesma experiência do migrante recém-chegado na cidade grande, que deixa a cultura herdada no interior, possui o ouvinte de rádio que sintoniza as emissoras com o modelo de jornalismo que vem de longe.

Assim como na cidade grande, os espaços conquistados na mídia pelos homens lentos ainda são poucos e nas margens, não compreendidos na sua totalidade. A presença dos pobres na sociabilidade das matrizes culturais nos grandes centros enriquece a diversidade socioespacial ao levarem consigo as experiências da forma de trabalho e de vida. A concepção de Santos (2006) pode ser ajustada também na seleção de fontes no rádiojornalismo. No conceito de lugar, a cooperação e o conflito são bases da vida em comum, um cotidiano compartilhado pelas ações que cada um exerce, na individualização da vida social e nos confrontos entre a organização e a espontaneidade. Este é o quadro de uma referência que cada um terá do mundo, do "teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade" (SANTOS, 2006, p.322).

Quando deslocamos a definição de lugar como algo material específico e o colocamos no discurso noticioso, a mundialização dos lugares proporcionada pela modernização contemporânea se amplia. As novas tecnologias, as fusões corporativas, a distribuição de conteúdo em redes de comunicação e a profissionalização das fontes para sensibilizar o jornalismo são mostras disso. Desta forma, a comunicação pode ser definida como um lugar global complexo pela profusão de vetores, desde os que representam a lógica hegemônica e aqueles que buscam alternativas ao sistema ou lutam contra essa hegemonia. No jornalismo, por exemplo, a diversidade tida como algo normativo não é atingida por uma série de fatores já elencadas por Gans (1980) e Hall et al. (1999). A presença dos pobres ainda possui um caráter segregador, enfeixado em temas específicos, em questões como segurança ou interações sem caráter primário.

O caminho para o futuro que Santos (2006) aponta para a cidade e seus lugares é a presença dos pobres. São os homens lentos das cidades que aumentam e enriquecem a diversidade de suas experiências no cotidiano do bairro, da aplicação das políticas públicas, dos recursos que são destinados, da divisão do trabalho, da variedade infinita de ofícios que possuem. É na ausência de mobilidade que esses agentes sociais conseguem a força para enxergar os mais diversos âmbitos da sociedade, de buscar na interação e na comunicação saídas para a falta de "todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania" (SANTOS, 2006, p.221).

O olhar para a cidade e, conseqüentemente, para a própria programação do rádiojornalismo numa perspectiva de reconhecimento do espaço implica na formação de uma escala, aqui entendida como um zoom do pesquisador sobre determinado objeto. Em nosso caso, o estudo sobre as fontes na CBN Rio é apenas uma parte de um conjunto de ações sociais que envolvem o espaço vivido da

comunicação dentro da configuração territorial do rádio. Com essa hipótese, utilizando os conceitos da Geografia, a escala se apresenta como categórica no sentido de analisar a presença das vozes sociais que constituem as disputas de sentido sobre os acontecimentos. Herod (2011) apresenta o estudo sobre as escalas com uma crítica aos materialistas e aos idealistas, com as falhas de suas concepções sobre o conceito com uma estruturação da espacialidade. Essa consideração, que foge dos argumentos de que a escala é pré-existente, permite considerá-la como algo que deve ser criada, estando sujeita a conflitos.

Para o autor, existem múltiplas espacialidades de escala, que foram pensadas desde sua forma enquanto área, território ou na dimensão socioespacial, que limitam suas abordagens até as formas sociais, difusas, que não ignoram a formação de redes. Assim, não se constituem como pirâmides numa hierarquia fechada, mas como mosaicos, variando histórica e geograficamente. Entre os “aprofundamentos e alargamentos” sobre o conceito de escala e sua utilização, com base em Taylor e Smith, Herod (2011) afirma que as diversas utilizações levaram a um compartilhamento de pontos de vista comuns. Entre eles estão, a) a consideração da escala como socialmente constituída, uma produção social ou, ainda, uma construção social; b) concebiam a escala em termos reais, com limites geográficos sobre espaços particulares, uma definição de pontos a serem estudados; c) consideravam as escalas fluidas, o que embora fixadas pelo sujeito, não podem ser imutáveis. Para Herod (2011), essa visão pode limitar a relação entre escalas diferentes, na medida em que determinados atores passam de uma resolução espacial para outra, ou como se dá o controle de uma escala que pode ter alterações entre os sujeitos.

A crítica sobre a noção de escala ainda possui os argumentos, baseados em Moore (apud HEROD, 2011), da distinção sobre a escala como uma categoria prática e uma categoria de análise. Três questões salientadas, como uma “abordagem não-substancialista de escala”, por Herod (2011) nos auxiliam a definir o estudo sobre o radiojornalismo como espaço e o foco sobre as fontes como escala enquanto uma categoria de análise: I) a reivindicação da escala de visualização como epistemológica, sem considerá-la a partir de seu caráter ontológico, o que permite enxergar processos sociais e fenômenos sem necessitar do reconhecimento de que há uma internalização prévia de tal escala; II) o argumento de que mesmo sem uma hierarquia ontológica, as pessoas acreditam que essas escalas têm consequências reais sobre o comportamento dos indivíduos; III) a não existência ontológica, prévia e de reconhecimento anterior da escala não significa necessariamente que não desempenhem um papel na forma com que as pessoas interagem no mundo.

Os conceitos de espaço e lugar como algo vivido remontam ao reconhecimento da escala como uma escolha do pesquisador sobre as abordagens em determinado ponto de estudo na cartografia sobre esse ambiente. Reivindicar a escala sobre a seleção das fontes nos acontecimentos abordados pelo radiojornalismo é enxergar os processos sociais sem um reconhecimento anterior de sua abordagem, em que a sociedade sabe das consequências da não diversidade como apontam os dados no início do artigo sobre as reformas, e que as formas de interação no mundo e de interpretação dos acontecimentos passam pela diversificação de experiências nas relações entre homens rápidos e lentos, entre a sociedade civil e as reformas, entre jornalistas e fontes.

A geografia do jornalismo

O jornalismo, aqui compreendido no caso do rádio, participa da produção da realidade, na construção de sentido sobre os acontecimentos, porém não de forma isolada e sim em conjunto com outros agentes e instituições sociais (MEDITSCH, 2010). A socialização do conhecimento e a importância de reconhecer o jornalismo, entre outras instâncias, presente na construção social da realidade está no estudo sobre as disputas de sentido entre diferentes atores sociais. Segundo Hall et al. (1999), as notícias são produtos sociais da: a) organização burocrática dos media; b) da estruturação de valores notícia; e c) da construção noticiosa que passa pelo processo de identificação (gatekeeping) e contextualização de mapas culturais de significado.

Também é necessário considerar o conceito de notícia como “uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299). Representação social que se manifesta em diferentes interpretações de mundo em que estão envolvidas as relações entre jornalistas e fontes. Para Shoemaker e Vos (2011, p. 173), é no canal das fontes e da mídia que o fluxo de informações chega à audiência. Nos dois casos existem seções, com portões em suas frentes que controlam a entrada ou não dos eventos e das percepções existentes sobre eles: “Consequentemente, entre as seções mais importantes do canal das fontes, estão a capacidade de observação por parte das fontes, sua memória de longa e curta duração e suas decisões sobre que tipo de informação dar aos jornalistas” (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 173).

No entanto é preciso considerar neste aspecto a chamada revolução das fontes, com a institucionalização das vozes sociais na comunicação, e a formação de uma sólida indústria das assessorias de comunicação (CHAPARRO, 1994;

SHOEMAKER e VOS, 2011). Situação essa que caminha ao lado da intensificação do perfil do jornalista sentado (NEVEU, 2006) e ausente do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010). As situações no caso analisado estão inseridas em um contexto onde a formação de jornalistas no Brasil e em países como a Argentina, Espanha, França, Alemanha e Estados Unidos tem direcionado um percentual considerável de profissionais para trabalhar a serviço das fontes. Esse processo altera significativamente as relações entre os jornalistas e a seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas.

Segundo dados do Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012, 45% dos profissionais estão lotados na mídia e 58% fora dela (MICK e LIMA, 2013)². Deste número, 68,3% trabalham diretamente para as fontes em assessoria de imprensa ou agências de notícias radiofônicas que possuem relações empresariais e mercadológicas. Dados de 2004 apresentados por Sant'Anna (2009), após análise da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego, revelam que apenas 5% dos jornalistas brasileiros atuam em emissoras radiofônicas. Assim, a lógica é a mesma apontada por Reese (2016) de que é preciso compreender o jornalismo a partir de seus contornos imprevisíveis e não apenas dentro de contêineres organizacionais e limitados na tradição.

O fluxo de informações abundantes com os agregadores de notícia, a “reembalagem” das informações, a reestruturação e reordenação do trabalho noticioso (REESE, 2016) ao lado de questões como a curadoria e o processo de *gatewaching* (BRUNS, 2005) provocam novas formas de analisar o conteúdo de mídia. Não necessariamente com uma desterritorialização, mas seguindo o argumento de Haesbaert (2006) sobre a reterritorialização, na qual as mudanças carregam antigos dilemas em que as inovações nem sempre levam à diversificação de vozes e conteúdos. Assim, ainda em Reese (2016), as características atuais das rotinas de trabalho necessitam levar em conta as múltiplas forças que interferem na mídia e questionar como essa influência pode interagir entre os níveis de análise.

O exemplo apresentado por Reese (2016) está nos estudos recentes sobre campanhas políticas que revelam que o jornalismo é uma “assembleia”, um espaço de relações institucionalizadas em que a estrutura das hierarquias ainda exerce influências. As possibilidades em organizações que reconhecem a missão social na profissão, da diversificação de experiências ou então nas próprias fontes que fornecem informações para as mídias tradicionais e diretamente para os públicos

² A síntese do Perfil do Jornalista Brasileiro pode ser acessado em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

interessados são exemplos da potencialidade contínua do jornalismo como parte da democracia.

A organização de uma rede noticiosa para cobrir o espaço e o tempo (TUCHMAN, 1983) é reforçada por Gasher (2009) em análise sobre a produção de notícias locais, na qual os jornalistas localizam e identificam lugares em que as fontes são consideradas mais “confiáveis e abundantes”, como escritórios governamentais, prédios, postos de polícia. Para o autor, essa atitude leva a um mapa da esfera social, política e econômica e constrói um senso de local em determinadas comunidades. Nesse sentido, a construção das notícias conduz para relações de pertencimento, na determinação de histórias que produzem conexões entre suas comunidades e lugares distantes.

Nielsen (2009, p. 26), utilizando uma análise de enquadramento, revela que em reportagens sobre imigrantes o assunto é abordado em uma lógica distanciada, em terceira pessoa, com fontes de agências ou grupos que falam por eles. Para o autor, “os jornalistas referem-se a imigrantes, mas raramente os abordam diretamente”³. O estudo ainda mostra a enxurrada de informações vindas de fontes externas em argumentos que são reforçados em política, legislação, órgãos oficiais e organizações comunitárias num tom oficioso que nem sempre preserva novas vozes. Algo que Howe (2009) também identifica na dependência de poucas fontes, ligadas a elites e órgãos oficiais, mesmo com o conjunto diversificado existente na sociedade.

As instituições e atores com papéis privilegiados economicamente e politicamente, dentro ou fora do Estado, e que compõem o papel hegemônico na sociedade são compreendidos no termo *primary definers*. São esses atores que estão em níveis elevados na hierarquia da credibilidade e definem o tratamento subsequente de informações na sociedade. De acordo com Hall et al. (1999), a necessidade de fontes dignas de crédito, autorizadas e objetivas, com posições institucionais ou como peritos dessas situações leva à dicotomia entre as regras exigidas na objetividade e a dependência de definidores primários, muitas vezes oriundos de setores hegemônicos da sociedade.

Entre as fontes primárias ou definidores primários e secundários (HALL et al., 1999) também é preciso considerar a desigualdade de acesso nos promotores dos acontecimentos. Segundo Molotch e Lester (1999), as fontes enquanto promotores têm: a) acesso habitual à mídia, como fontes oficiais, empresariais e altos cargos do governo; b) acesso disruptivo, quando os movimentos e

³ Tradução do trecho: “Journalists refer to immigrants, but rarely address them directly” (NIELSEN, 2009, p. 26).

organizações necessitam gerar problemas para os poderosos como manifestações, bloqueios de vias; c) acesso direto promovido pelas investigações jornalísticas.

A título de classificação das fontes para análise em nosso artigo, partimos da ausência de estudos que clarifiquem os tipos de vozes sociais utilizados no caso do radiojornalismo. No caso do rádio, Ferraretto (2014) propõe uma divisão entre fontes internas (repórteres, editores, enviados especiais) e externas (assessorias de imprensa, agências de notícias, internet), algo cada vez mais difuso no momento da seleção. Assim, Lopez (2010) afirma que internas e externas estão cada vez mais imbricadas no fluxo informativo e apresenta três níveis: a) primário – consultadas em campo no desenrolar dos acontecimentos; b) secundário – agentes que analisam os acontecimentos; c) terciário – quando as informações chegam às redações por outros meios de comunicação, assessorias e agências.

Com o objetivo de entender as relações de disputa de sentido entre as vozes sociais no espaço do radiojornalismo All News da CBN Rio, propomos uma classificação já utilizada em trabalho anterior (KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017) que tem base em autores como Gans (1980), Wolf (2009), Pinto (2000), Lage (2001), Schimitz (2011) e Rutilli (2014). A categorização permite olhar para a forma específica de seleção das fontes no processo de gatekeeping (SHOEMAKER e VOS, 2011) e realizar uma cartografia da distribuição das vozes na cobertura cotidiana do radiojornalismo da CBN Rio.

Com base na bibliografia utilizada sobre as diversas classificações utilizadas nas teorias do jornalismo, elas ficam divididas na seguinte forma: *Oficiais* – Ocupantes de cargos eletivos e funcionários do Executivo, do Legislativo, do Judiciário e do Ministério Público, de autarquias, fundações e empresas públicas, em níveis federal, estadual e municipal; *Empresariais* – Associações representativas dos setores comercial, financeiro, industrial, agronegócio, de serviços, corporações, consultorias, executivos; *Institucionais* – Integrantes de organizações do terceiro setor, organismos multilaterais, movimentos sociais, organizações sindicais; *Testemunhais* – Personagens que presenciaram acontecimentos com valor-notícia atribuído por comunicadores e chefias de reportagem; *Populares* – Pessoas comuns, que em geral são representadas no noticiário como vítimas de determinada situação – um crime, uma injustiça, uma política pública ineficiente – ou lançam mão de táticas de espetacularização para conseguir visibilidade e reivindicar melhorias no seu cotidiano; *Especialistas* – Profissionais com reconhecido saber científico ou conhecimento específico sobre determinado campo em torno do qual está se desenvolvendo uma cobertura jornalística; e *Notáveis* – Celebidades, artistas, esportistas, comunicadores, pessoas que desempenham ou

desempenharam atividades de grande reconhecimento social, sobre as quais se atribui variáveis valores-notícia.

Cartografia das fontes no radiojornalismo

A Central Brasileira de Notícias (CBN) possui 25 anos e integra o Sistema Globo de Rádio com quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de 27 afiliadas presentes em 20 Estados mais o Distrito Federal. Segundo as métricas apresentadas pelo *Ibope Easy Media* no Mídia Kit da CBN (2016), são 122.170 ouvintes por minuto nas quatro principais frequências grupo. Isso representa um número de 1,8 milhão ao longo de um mês com um tempo médio de audiência de 2h. Nos dados de maio a julho de 2016 presentes no Mídia Kit 25 Anos da CBN (2017), o Ibope mapeou o registro de 1,5 milhão de usuários únicos por mês no site, 14,5 milhões de assinantes na TV paga, 1,2 milhões de downloads dos aplicativos e 8,2 milhões downloads de *podcasts*.

Interessa-nos perceber, diante das colocações de Santos (2006), Martín-Barbero (2004), Massey (2009) e Holzer (2012), a disputa pelo espaço nas notícias entre as fontes, como estas utilizam e são utilizadas na mídia, ou então, como os lugares são ocupados pelos homens rápidos em detrimento dos homens lentos. Martín-Barbero (2004) propõe um mapa que permite percorrer as matrizes culturais da mediação comunicativa e fugir do pensamento único em torno das tecnologias, da usabilidade destas e das transformações que os mediadores tradicionais enfrentam. É preciso, segundo o autor, pensar em novos sentidos do social e dos usos sociais da mídia, principalmente com a entrada de novos atores, movimentos sociais e outros agentes na sociedade civil.

O mapa de Martín-Barbero (2004) auxilia a compreender a presença dos setores subalternos da sociedade na mídia. Para percorrer esses novos sentidos do social e dos usos da mídia, o radiojornalismo da CBN se torna aqui um lugar no qual nos interessa analisar as disputas de sentido que estão presentes no espaço ocupado pelas fontes. Milton Santos (2006) afirma nesse mesmo sentido, que a proximidade que interessa ao geógrafo possibilita, para além de algo desenhado, fechado em um mapa ou em uma cerca específica, analisar as inter-relações e as identidades presentes em um determinado espaço.

A análise aqui proposta foi realizada com dois procedimentos metodológicos. O primeiro envolve a coleta do radiojornal CBN Rio, na semana de 26 a 30 de junho de 2017, com foco na produção local da emissora na capital carioca. Considera-se que os dias selecionados representam a produção cotidiana da emissora na busca por temas diversos. A segunda foi a divisão dos dados por categorias de fontes, o

encaixe temático onde estão inseridas e como são ditados os acontecimentos. Foi possível, a partir disso, realizar uma cartografia entre fontes primárias e secundárias que revela a disputa pelo espaço e lugar da mídia na construção de sentido.

A presença de fontes oficiais é constatada em 50% da programação ao longo de uma semana. Nos 62 momentos em que foram ouvidas, foram 55 vezes que apareceram como agentes primários (HALL et al., 1999) na condução das temáticas abordadas pelos jornalistas. Na maior parte deles, envolvidos com política (19), segurança (14), trânsito (16), educação (2), saúde (3), economia (1). Na editoria de política, o prefeito Marcelo Crivella foi ouvido em assuntos como a formatura de empreendedorismo comunitário, os cortes de recursos para as escolas de samba, o aumento do IPTU. Já o Supremo Tribunal Federal foi citado no caso da suspensão da nomeação do filho do prefeito para um cargo no primeiro escalão da prefeitura por suspeita de nepotismo. O Governo do Estado e a Assembleia Legislativa aparecem como agentes centrais em discussões sobre o ajuste fiscal, a aprovação do teto de gastos para o acordo de recuperação fiscal, o pagamento de servidores e a discussão sobre a crise financeira do Rio de Janeiro.

O CBN Rio também tem sua cobertura sobre o trânsito da cidade baseada em fontes como o Centro de Operações da Prefeitura, Polícia Militar e a Secretaria de Trânsito. A PM foi a principal fonte no assunto segurança pública em questões como troca de tiros no Morro da Mangueira, a morte de uma estudante no início da semana. Na temática, a Polícia Federal foi ouvida sobre a suspensão da emissão de passaportes por causa da falta de recursos, além da fala de um procurador da Lava Jato com argumentos relacionados à falta de recursos da Polícia Federal para grandes operações e o Corpo de Bombeiros com alertas de boletos falsos para o seguro incêndio. Na cobertura da Greve Geral realizada na sexta-feira 30 de junho de 2017, os agentes de segurança pública foram os principais órgãos ouvidos sobre o andamento das manifestações e o bloqueio de vias de acesso à cidade.

As fontes especializadas estiveram presentes em 16% da programação em assuntos como saúde, economia, história, política, esporte, educação e direito. Em todos os casos, atuaram apenas comentando ações das fontes oficiais ou institucionais sem aparecer como agentes primários que suscitaram novas abordagens. O parcelamento de dívidas dos Microempreendedores Individuais, a defesa das reformas da previdência e trabalhista, o ajuste fiscal do Governo do Estado e as ações da greve que impediram o tráfego estiveram entre os assuntos abordados ao longo da semana. Os comentários instituem o fluxo do modelo de radiojornalismo All News, estabelecendo parâmetros de entrada dessas vozes em

horários determinados e garantem o andamento dos debates na programação (MEDITSCH, 2001).

As fontes populares estiveram presentes em 13% e em apenas dois casos foram agentes dos acontecimentos como definidores primários: o caso das bailarinas que ganharam uma bolsa nos Estados Unidos e organizaram uma rifa para a viagem, e o conjunto de manifestações organizadas no dia 30 de junho. Nesse último, as atividades tiveram apenas menções e não foram ouvidos na integralidade sobre as reivindicações. Isso indica o acesso disruptivo ao noticiário, onde esse tipo de fonte lança de táticas de espetacularização ou, então, ações que afetam os poderosos no fechamento de ruas (MOLOTCH e LESTER, 1999). As interações via WhatsApp, Facebook e Twitter são citadas em comentários de matérias oriundas das fontes oficiais, sem a utilização de vozes ou entrevistas no programa. Nos casos em que foram ouvidos, foram identificadas fontes como motoristas presos nos engarrafamentos por causa de manifestações dos Mototaxistas no início da semana e da Greve Geral no dia 30 de junho.

No caso das fontes institucionais (13%), em 10 momentos foi percebida a atuação como um definidor primário na redação. A Liga das Escolas de Samba nas críticas aos cortes de verbas por parte da Prefeitura do Rio; o Sindicato das Seguradoras provocou uma discussão em torno dos roubos de cargas que afetam a economia do Estado; a Comissão da Verdade que passa por dificuldades financeiras; o Sindicato dos Médicos sobre atendimento hospitalar prejudicado. No dia da Greve Geral, o Sindicato dos Aeroviários e o Sindicato dos Bancários foram ouvidos sobre as reivindicações contrárias à reforma previdenciária e trabalhista.

As fontes testemunhais (4%), encaixadas em temas como segurança, no caso de uma refém de um assalto a uma agência de correios na Tijuca e o motorista de ambulância do Hospital de Acari, estiveram apenas comentando assuntos já abordados, o que caracteriza a busca por esse tipo de voz pelos jornalistas. As empresariais (2%) e as notáveis (2%) também apareceram em temas como economia, com empresários de *startups* inovadoras em comunidades do Rio, e ações culturais como lançamento de livros e o documentário sobre o grupo *Black Rio*, respectivamente.

A análise mostra um perfil de busca por fontes pela sua hierarquia da credibilidade, como apontam Hall et al. (1999) e Reese (2016). A disputa de sentido pelas vozes é dividida em quem possui o poder político e econômico de ditar e promover os acontecimentos. Isso é demonstrado claramente no caso de assuntos como política, segurança e trânsito, em que as principais vozes que ocupam o espaço do radiojornalismo são os agentes do Estado, como os governos municipal, estadual e federal, justiça e órgãos de segurança pública. A intensidade

do aprofundamento das informações depende da lógica oficialista em detrimento da diversidade de vozes que podem comentar vários assuntos. O ajuste fiscal e a votação do teto de gastos na Assembleia Legislativa são um exemplo: enquanto o Governo e os deputados se revezam nos argumentos, não há servidores, professores, trabalhadores ouvidos sobre o assunto.

A proposta é de uma cartografia que caracteriza o modelo espiral do texto do radiojornalismo ao vivo. Ao contrário da pirâmide invertida, a cobertura da programação demonstra uma seleção das fontes realizadas nas diferentes temáticas em um formato contínuo, dividido entre Zonas Altas (ZA) e Zonas Baixas (ZB). A espiral estaria numa contínua construção noticiosa, porém não na proposta do *clock*, como já apontado por Meditsch (2001) nos estudos sobre a linguagem radiofônica. A ocupação do espaço que aponta a Figura 1 possui nas ZAs 1, 2 e 3 as fontes oficiais e institucionais que conseguem atuar como definidores primários dos acontecimentos em diferentes temas, da educação à saúde, da política à economia, que estão em reportagens, notas, entradas ao vivo, entrevistas e outros formatos.

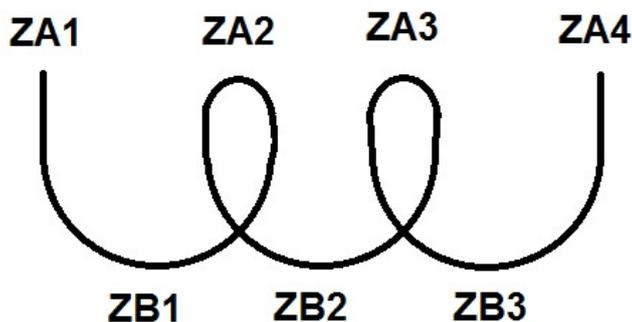


Figura 1: autoria própria

Já as ZB 1, 2 e 3 correspondem sequencialmente às posições de fontes especialistas, testemunhais, notáveis e empresariais. A lógica aqui é a presença para comentar as ações que estão no topo e sempre entram após a ação ditada por fontes oficiais, como o Governo, STF, Polícia, entre outros. A promoção dos acontecimentos pelos setores oficiais com acesso direto à mídia provocou repercussões e a necessidade de comentários especializados com o apoio de fontes que defendiam reformas, no caso da economia e das empresariais. Esse espaço representa uma linha que se dispersa entre diferentes temas, como o esporte e os comentaristas especializados que seguem as ações que as equipes de futebol e confederações, como agentes institucionalizados, estão fazendo.

Por fim, a Zona Alta 4, que não volta a ser discutida, é composta pelas fontes populares que podem até ter o acesso disruptivo na organização de

manifestações e atos, mas não necessariamente influenciam na ótica da continuidade da cobertura. A abordagem não se dá pelas reivindicações, mas sim dos problemas causados pela forma de busca de visibilidade com a ação pública. Mesmo assim, nesse caso somente os sujeitos institucionalizados, como os sindicatos, conseguiram a expressão dos motivos dos atos. A ocupação do espaço pelas fontes populares possui uma intensidade alta na promoção dos acontecimentos, mas ainda não em condição de igualdade com as fontes presentes nas primeiras posições da hierarquia de credibilidade utilizada nessa seleção.

Considerações finais

A presença do outro, a alteridade e a busca do diverso pelas experiências dos pobres nas grandes e pequenas cidades, e o encontro das multiplicidades constituem a organização do espaço. Considerando aqui o radiojornalismo como um espaço midiático (MASSEY, 2009), o nível de diversidade e acesso apenas extrai a dinâmica espacial das relações desiguais entre homens rápidos e homens lentos (SANTOS, 2006). O estudo sobre a CBN ao longo de uma semana e a realização da cartografia dessas fontes na disputa de sentidos é parte de um contínuo esforço de aliar os conceitos da geografia, numa perspectiva do Sul Global como periferia do capitalismo, aos do jornalismo na construção da notícia no cotidiano. Também demonstra não somente a divisão entre a ocorrência de determinados tipos de agentes, como os oficiais em detrimento de populares, mas também do encontro entre diferentes vozes e a possibilidade de diversidade presente no noticiário.

O espaço como produto de inter-relações, esfera da possibilidade de múltiplas trajetórias, do encontro com outro e de uma construção contínua se alia diretamente ao considerar o jornalismo como uma instituição na democracia. Ainda que a configuração do território considere a CBN como uma concessão presente nas mãos de um dos maiores oligopólios de mídia no mundo – a Central Globo de Rádio, as relações entre jornalistas e fontes são expressões do cotidiano, das disputas de poder e da força que exercem os grupos sociais. A construção da notícia no radiojornalismo, no estudo específico sobre os argumentos e presença das vozes e interesse sociais, é implicada por interações que resultam do encontro entre os agentes em um espaço permeado pelas lógicas econômicas e sociais da periferia do capitalismo.

A proposta da espiral como texto jornalístico e cartografia de posições de poder na disputa pelo espaço do radiojornalismo, ainda que num estudo exploratório e inicial, representa um exercício de encaixe temático que revela quem tem o poder de fala como agente primário. A promoção dos acontecimentos e a

ocupação desse espaço priorizam vozes oficiais em assuntos que interessam diretamente às mais diversas camadas sociais. Se olharmos para essa diferença da mesma forma que Santos (2006) entre os homens rápidos e lentos, as fontes populares, as opiniões e argumentos de agentes não profissionalizados nas suas relações com o jornalismo ainda não são ouvidos com toda ressonância necessária que expressem as riquezas culturais que possuem.

Com a abordagem de autores da Geografia sobre espaço, territorialidade e lugar, torna-se possível pensar a diversidade e a pluralidade de fontes no jornalismo não somente em seus aspectos normativos, mas sim na multiplicidade de experiências necessárias à construção da notícia. É preciso, no entanto, considerar os desafios profissionais pelos quais passam as redações num momento de intensificação do jornalismo sentido (NEVEU, 2006) e a diminuição do número dos profissionais nas redações (LOPEZ, 2010). Por outro lado, representa um percurso a ser seguido nos estudos sobre radiojornalismo, no sentido de cartografar dinâmicas da luta pelo acesso à voz, pela presença e a possibilidade de argumentar frente às turbulências políticas e sociais da atualidade.

Referências

ALSINA, M. R. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRUNS, A. **Gatewatching**: collaborative online news production. New York: Peter Lang, 2005.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

CBN. **Mídia Kit**. Disponível em:
<<http://s.glbimg.com/pv/an/media/documentos/2015/06/25/CBNmai15.pdf>>
Acesso em: 15 de agosto de 2016.

CBN. **Mídia Kit 25 Anos**. Disponível em:
<http://s.glbimg.com/pv/an/media/documentos/2016/10/27/Midia-Kit_CBN_set-16_25_Anos.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

FERRARETTO, L. A. **Rádio**: teoria e prática. 1 ed. São Paulo: Summus, 2014.

GANS, H. J. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Vintage, 1980.

GASHER, M. Mapping the Online News World: a News-flow Study of Three U.S. Dailies. In: GASHER, M (org.). **The Geography of Journalism**. Aether – The

Journal of Media Geography, v.4, March 2009. Disponível em: <http://mgm.arizona.edu/sites/default/files/volume_04.pdf> Acesso em: 18 julho de 2017.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, S. et al. A produção social das notícias: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.

HEROD, A. **Scale**. New York: Routledge, 2011

HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: Marandola Jr., E.; Holzer, W.; Oliveira, L. **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 281-304.

KISCHINHEVSKY, M.; CHAGAS, L. J. V. **Diversidade e Pluralidade de fontes no jornalismo da BandNews Fluminense FM**. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. Anais... São Paulo: Faculdade Casper Líbero, 2017.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MASSEY, D. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. da (orgs.). **Jornalismo e acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação: Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. 2013. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 16 de agosto de 2017.

MILL, J. S. **Sobre a Liberdade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

MOLOTCH, H & LESTER, M. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.

NEVEU, É. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NIELSEN, G. M. Framing dialogue on immigration in the New York Times. In: GASHER, M. (org). **The Geography of Journalism**. Aether – The Journal of Media Geography, vol. IV, March 2009. Disponível em:

http://mgm.arizona.edu/sites/default/files/volume_04.pdf. Acesso em: agosto de 2017.

HOWE, P. D. Newsworthy Spaces: The Semantic Geographies of Local News. In: GASHER, M. (org). **The Geography of Journalism**. Aether: the journal of media Geography, v. 4, mar. 2009.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**. Braga, Universidade do Minho, v. 14, p. 277-294, 2000.

POOLEY, J. D. Communication Theory and the Disciplines. In: Jensen, K. and Craig, R. **The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy**, 2016.

RAWLS, J. **Uma Teoria da Justiça**. Tradução de Almiro Pisetta e de Lenita Maria Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REESE, S. D. The new Geography of Journalism Research: Levels and spaces. **Digital Journalism**, vol. 4, n. 7, 2016.

RUTILI, M. **Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência**: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

SILVEIRA, M. L. Escala geográfica: da ação ao império? **Terra Livre**, Ano 20, v. 2, n. 23, 2004, p. 87-96.

SANT'ANNA, F. **Mídia das fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHIMITZ, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SHOEMAKER, P. J.; VOS, T. P. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

TOCQUEVILLE, A. de. **A democracia na América**. Tradução: Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.

ZELIZER, B. **Taking Journalism Seriously**. Thousand Oaks: Sage, 2004.